

ANEJOS DE ARCHIVO ESPAÑOL DE ARQUEOLOGÍA
LXII

SIDEREUM ANA II

El río Guadiana en el Bronce Final

ANEJOS DE AESPA

Director: Francisco Pina Polo, Universidad de Zaragoza, España.

Secretario: Carlos Jesús Morán Sánchez, Instituto de Arqueología, CSIC-Junta de Extremadura-CCMM, Mérida, España.

Comité Editorial: José Beltrán Fortes, Universidad de Sevilla, España; Manuel Bendala, Universidad Autónoma de Madrid, España; Rui Manuel Sobral Centeno, Universidade do Porto, Portugal; Adolfo J. Domínguez Monedero, Universidad Autónoma, Madrid, España; Sonia Gutiérrez Lloret, Universidad de Alicante, España; Pedro Mateos, Instituto de Arqueología, CSIC-Junta de Extremadura-CCMM, Mérida, España; Manuel Molinos, Universidad de Jaén, España; Ángel Morillo, Universidad Complutense, Madrid, España; Ricardo Olmos Romera, Escuela Española de Historia y Arqueología, CSIC, Roma, Italia; Almudena Orejas, Instituto de Historia, CSIC, Madrid, España; Isabel Rodà de Llanza, ICAC-Universidad Autónoma de Barcelona, España; Inés Sastre Prats, Instituto de Historia, CSIC, Madrid, España; Ángel Ventura Villanueva, Universidad de Córdoba, España.

Consejo Asesor: Luis Caballero Zoreda, Instituto de Historia, CSIC, Madrid, España; María Paz García-Bellido, Instituto de Historia, CSIC, España; Juan Manuel Abascal, Universidad de Alicante, España; Filippo Coarelli, Università degli Studi di Perugia, Italia; Pierre Gros, Université Aix-Marseille, Francia; Simon Keay, University of Southampton, Reino Unido; Pilar León, Universidad de Sevilla, España; Giuliano Volpe, Università degli Studi di Foggia, Italia; Carmen García Merino, Universidad de Valladolid, España; Javier Arce, Université Lille, Francia; Michel Amandry, Bibliothèque Nationale de France, París, Francia; Xavier Aquilué, Museu d'Arqueologia de Catalunya, Empúries, España; Pietro Brogiolo, Università di Padova, Italia; Francisco Burillo, Universidad de Zaragoza, España; Monique Clavel-Lévêque, Université Franche-Comté, Besançon, Francia; Teresa Chapa, Universidad Complutense de Madrid, España; Carlos Fabião, Universidade de Lisboa, Portugal; Carmen Fernández Ochoa, Universidad Autónoma de Madrid, España; Pierre Moret, Universidad de Toulouse, Francia; Sebastián Ramallo, Universidad de Murcia, España; Domingo Plácido, Universidad Complutense de Madrid, España; Thomas Schattner, Instituto Arqueológico Alemán, Madrid, España; Armin Stylow, München Universität, Alemania.

O BRONZE FINAL NA REGIÃO DE MÉRTOLA

Pedro BARROS
IGESPAR, IP - Algarve

RESUMO

Mértola fica localizada num local com boa defensibilidade, no final do longo estuário do Rio Guadiana no Sudoeste Peninsular entre uma peneplanície e os vales encaixados, onde as linhas de água subsidiárias têm o seu percurso. A ocupação do Bronze Final de Mértola é revelada pela presença de cerâmica com ornatos brunidos, formas cerâmicas manuais, cerâmica frequentemente designada «tipo Carambolo» e um exemplar de foice em bronze do «tipo Rocanes». Apesar de serem poucos os elementos, estes revelam uma ocupação que se iniciou em momentos anteriores às influências mediterrânicas, numa dualidade entre os contactos do sudoeste da Andaluzia e um litoral atlântico do centro do actual território português. Numa área onde a ocupação durante o Bronze Final contrasta com as zonas de Beja, Moura, Serpa e Serra de Huelva e com o litoral, transpõe a partir de Mértola uma lógica estruturada de domínio a um nível local e regional, coordenação, controlo e exploração de um território e dos seus ricos recursos, onde se incluem as ligações das vias naturais de comunicação Sul-Norte e Este-Oeste e respectivos intercâmbios comerciais.

RESUMEN

Mértola se ubica en un emplazamiento fácilmente defendible, al final del largo estuario del Guadiana, en el Suroeste peninsular, entre una zona de peniplanicie y otra de marcados valles donde se encajan los cursos de agua subsidiarios. La ocupación del Bronce Final queda de manifiesto por la presencia de cerámicas con decoraciones bruñidas, determinadas formas de cerámica a mano, cerámica de la comúnmente llamada «tipo Carambolo» y un ejemplar de hoz de bronce de tipo Rocanes. A pesar de ser pocos elementos, éstos reflejan una ocupación que se inicia en momentos anteriores a las influencias mediterráneas, generando una dualidad entre los contactos con el Suroeste de Andalucía y el litoral atlántico del centro del actual territorio portugués. En un área donde la ocupación del Bronce Final contrasta con las zonas de Beja, Moura, Serpa y Sierra Norte de Huelva y con la zona costera, surge, a partir de Mértola, una zona estructurada de dominio a un nivel local y regional y de ordenación y exploración del territorio y de sus ricos recursos donde se incluyen las rutas de comunicación naturales N-S y E-O y los respectivos intercambios comerciales.

ABSTRACT

Mértola is located in a strategic defensive site, at the end of a large estuary of the River Guadiana in the Southwest of the Iberian peninsula, between a peneplain and enclosed valleys, where secondary watercourses flow. The Late Bronze settlement in Mértola is evidenced by the presence of typical ceramics with polished or painted decoration –the so called ‘Carambolo type’, many hand made pottery profiles, and a ‘Rocanes type’ bronze sickle. Despite the scarcity of elements they revealed an occupation that started before the Mediterranean influences, during a duality between the contacts of the Southwest of Andalucía and the Atlantic coast of the centre of what is now Portuguese territory. In an area where the occupation, during the Late Bronze Age, contrasted with the areas of Beja, Moura, Serpa, Sierra de Huelva and the coast, in Mertola a structured domination of at a local and regional area, as well as a coordination, control and exploration of a territory and its rich resources, which included the links to the natural South/North and East/West communication pathways and their respective trade exchanges.

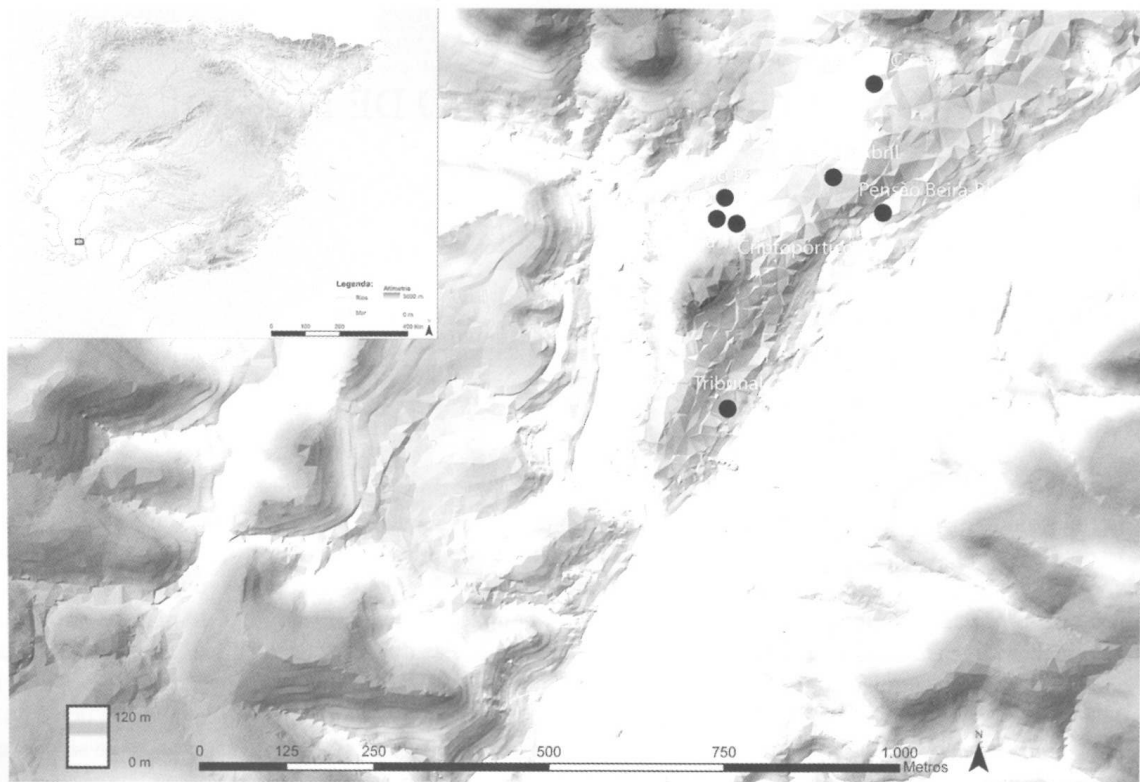


Fig. 1. Localização de Mértola e locais onde ocorreram os vestígios arqueológicos enquadráveis no início do primeiro Milénio a.C.

Mértola fica localizada no Sudoeste Peninsular, numa região onde se destacam três unidades geomorfológicas principais, uma peneplanície homogênea de superfícies aplanadas; os relevos residuais que constituem as Serras de Serpa e Mértola e os vales encaixados com declives acentuados por onde as principais linhas de água subsidiárias têm o seu percurso (Lecoq 2002: 31). No subsolo, desenvolve-se a faixa piritosa ibérica onde existem amplos recursos geológicos como o cobre e metais nobres como o ouro e a prata (Oliveira e Oliveira 1996: 11)¹, (Figs. 1, 2, 8, 9 e 10).

Mértola insere-se num troço do Rio Guadiana caracterizado por um vale encaixado, vertentes abruptas (Fig. 2), percurso sinuoso (Feio 1946 e 1983) onde se destaca a montante a corredeira, que integra um elemento hidro-geológico com um desnível de 15 m de altura, designado Pulo do Lobo. Aqui terminam os ciclos de marés e fica impedida a navegação ininterrupta Norte-Sul desde a foz para qualquer tipo de embarcações (Simplicio *et al.* 1999; Lopes *et al.* 2003), tendo como

Mértola o último porto numa navegabilidade fluvial em percursos de média e longa distância no Guadiana² (Fig. 3).

Os vestígios arqueológicos atribuíveis ao final da Idade do Bronze encontrados em Mértola, e que se apresentam, provêm sobretudo de zonas de intensa ocupação e de contextos datados de outras épocas (Fig. 1), associados a necrópoles tardo-romana/medievais (Rossio do Carmo), a grandes estruturas de época medieval (plataforma da Alcáçova e do Criptopórtico e as Muralhas junto do Tribunal), ou em zonas descaracterizadas pela construção de infra-estruturas e edifícios de época contemporânea (Rua 25 de Abril, Casa do Pardo e Pensão Beira Rio – esta última próxima do limite do leito de cheia). Face a este panorama, quaisquer interpretações encontram-se bastante condicionadas.

No estado actual dos conhecimentos, a localização dos vestígios atribuíveis ao final da Idade do Bronze em Mértola circunscreve uma área entre os 5 e os 6 hectares, localizada entre o Tribunal e o Rossio do Carmo. Se ainda englobarmos o restante

¹ Conforme foi escrito e ilustrado em anterior artigo (Barros 2008: 399-414).

² Vid. nota 1.



Fig. 2. Vista geral de Mértola para Oeste.



Fig. 3. Elemento hidro-geológico do Pulo do Lobo e corredoura.

esporão entre a Ribeira de Oeiras e o Rio Guadiana, então estamos a falar em cerca de 8 a 9 hectares. Estas dimensões são bastante consideráveis no panorama dos povoados do Bronze Final da bacia do Baixo Guadiana.

Não foram ainda documentados vestígios de uma ocupação anterior ao final da Idade do Bronze, ou seja, julgamos que a presença de cerâmicas finas com formas típicas do Bronze Final, cerâmicas com ornatos brunidos, cerâmicas «tipo Carambolo» e um exemplar de foice em Bronze do «tipo Rocanes» seja o reflexo do início da ocupação da actual vila de Mértola.

As cerâmicas finas com formas típicas do Bronze Final registam-se em todos os locais onde ocorreram vestígios desta época (Fig. 1) e encontram-se representadas, na sua maioria, por formas abertas hemisféricas (Fig. 4). Os exemplares das cerâmicas finas apresentam bordos curtos e finos, em alguns casos a separação do bordo com o bojo é feita por uma carena bem marcada, ainda que tal não se verifique na maioria dos casos estudados. Os paralelos encontram-se um pouco por toda a bacia do rio Guadiana e pelo sudoeste peninsular, num âmbito cronológico entre os séculos IX e o VII a.C. (Ruiz Mata 1995).

O espólio da Pensão Beira-Rio (Fig. 1) apresenta formas de grandes recipientes de fabrico manual com bordo exvertido e que apenas ocorrem neste local. Existem igualmente contentores cerâmicos de média e grande dimensão com um tratamento de superfície/decoração habitualmente designado por «*cepillo*» e que podem integrar o panorama formal de fases posteriores ao Bronze Final.

Registaram-se apenas três exemplares de cerâmica com ornatos brunidos (Fig. 5), concentrados entre a Casa do Pardal e a Alcáçova (Fig. 1). Os dois primeiros parecem ser de recipientes de média dimensão estando decorados no lado externo: um apresenta faixas paralelas que se prolongam por uma asa maciça e o outro é composto por faixas paralelas e num dos lados traços oblíquos. O terceiro exemplar é um pequeno recipiente com a decoração no lado interno, composta por traços equidistantes, paralelos e perpendiculares entre si, aparentemente formando uma rede. A pequena dimensão dos fragmentos não permite uma atribuição clara da sua forma, limitando igualmente qualquer comentário sobre a sua proveniência atendendo à sua decoração - sudoeste português, sudoeste espanhol ou mesmo da «denominada zona de transição entre as áreas nucleares do Bronze Final do Sudoeste» (Soares 2005: 135).

Estes parecem remeter para uma enquadramento cronológico com um intervalo entre os séculos X e o VIII-VII a.C. (Soares 2005).

A cerâmica frequentemente designada «tipo Carambolo» (Fig. 6) restringe-se igualmente a três exemplares que provêm da Rua 25 de Abril, da Alcáçova e junto do Tribunal (Fig. 1). Dois correspondem a formas abertas de perfil hemisférico, sem carena marcada, e o outro pertence a uma forma fechada com carena bem marcada, todas eles com paredes finas.

A decoração monocromática, de pintura vermelha bastante sumida em alguns locais, ocorre interna e externamente. Predominam os motivos geométricos lineares simplificados, paralelos ao bordo (internamente uma banda larga no bordo e em ambos os lados linhas bastante finas) – nestes dois exemplares a atribuição a cerâmicas «tipo Carambolo» é feita com alguma reserva – e apenas numa única situação se detectam no lado externo dispostos verticalmente ao bordo.

Consideramos que os exemplares de Mértola, próximos dos paralelos de Medellín, Cerro de Macareno, Huelva e Castro Marim, se enquadram entre a segunda metade do século VIII e os finais do século VII-inícios do VI a.C., ou seja, na segunda fase de Cabrera (1981: 329) ou tipo Guadalquivir II (Ruiz Mata e Fernández 1986: 197), podendo mesmo chegar a conviver em ambientes de influência orientalizante (Aubert 1982: 397).

A cerâmica «tipo Carambolo», considerada um dos melhores e mais impressionantes produtos do Bronze Final associado ao início do processo orientalizante (Almagro-Gorbea 1977: 122; Cabrera 1981: 317; Aubert 1982: 386; Ruiz Mata e Fernández 1986: 196), parece revelar como limite ocidental da sua ocorrência o Médio e Baixo Guadiana no sul do actual território português, nomeadamente na necrópole da Nora Velha e em alguns povoados (Fig. 10): Ratinhos (Silva e Berrocal 2005), Salsa 3 de Serpa (Antunes e Deus 2007), Mértola (Barros, no prelo b) e Castro Marim (Oliveira 2008).

Estas formas são bastante idênticas às cerâmicas finas de tradição do Bronze Final, mas contam com uma decoração geométrica monocromática pintada, aplicada após a cozedura (Buero 1984: 355; 1987: 39) a traços estreitos. Representariam um tipo de cerâmica diferenciadora no restante panorama formal e, segundo alguns autores, até certo ponto um bem de ostentação (Buero 1987: 38).

O seu local de fabrico seria na Baixa Andaluzia (Almagro-Gorbea 1977: 123; Cabrera 1981: 324), sobretudo na zona do baixo Guadalquivir e de Huelva, revelando relações, ou pelo menos

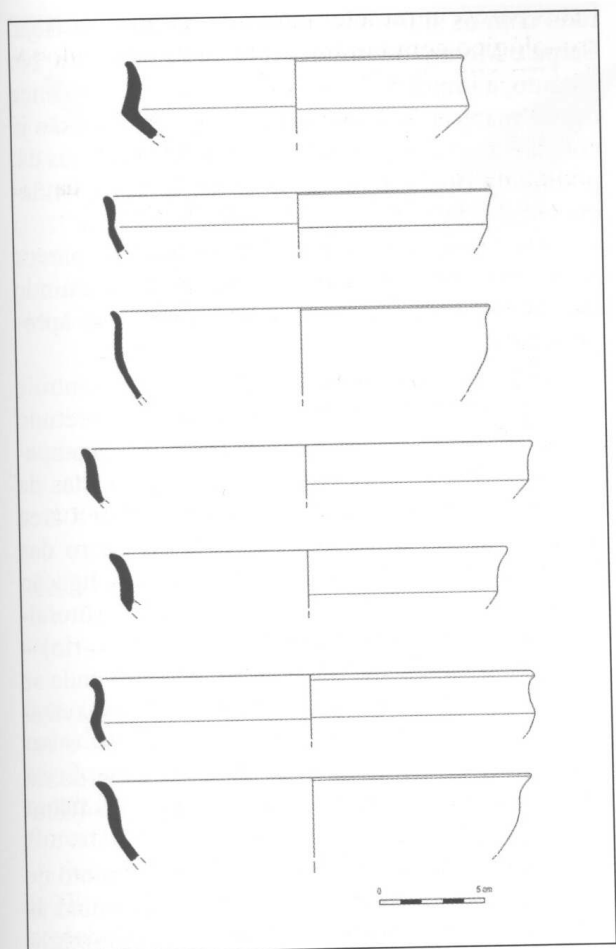


Fig. 4. Cerâmicas finas de tradição do final da Idade do Bronze.

uma clara influência proveniente dessas zonas (Buero 1987: 38), chegando mesmo a ser considerada como um fenómeno de penetração cultural durante o Bronze Final (Almagro-Gorbea 1977: 122-125).

A essas relações associam-se também as influências de um litoral atlântico do centro do actual território Português, como se depreende pelas produções específicas das foices de talão em bronze de «tipo Rocanes» (Fig. 7), (Vasconcellos 1915; Mac-White 1951; Schubart 1975; Coffyn 1983; 1985; Alarcão 1996).

Apesar da indicação de proveniência de ambos os exemplares ser mínima, estando inventariados com proveniência de Mértola, segundo o inventário original do Museu Nacional de Arqueologia, o primeiro é publicado com proveniência do concelho de Mértola e não especificamente da Vila (Vasconcellos 1915: 180-181, fig. 31).

Este exemplar destaca-se pelos bons acabamentos e tem uma dimensão de 9,5 cm. O talão é

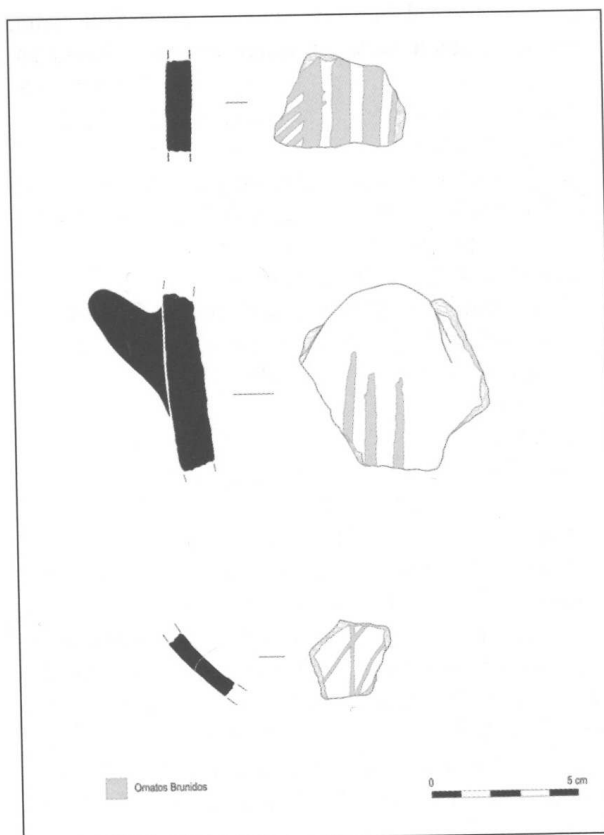


Fig. 5. Cerâmicas com ornatos brunidos.

alongado, mas sem ultrapassar a parte proximal da lâmina, descentrado do eixo da lâmina e com poucas marcas de utilização. A ligação robusta entre este e a zona do gume é cuidada e regular. A folha da lâmina é bem encurvada na ponta, grossa, com o gume em apenas um lado, reforçada na superfície externa com 5 nervuras paralelas ao gume em relevo ao longo da lâmina, em oposição à face interna que é totalmente lisa. O gume é regular e apresenta marcas de utilização.

O outro exemplar mede 10,1 cm, tem um talão alongado sem ultrapassar a parte proximal da lâmina, centrado do eixo da lâmina e com marcas de utilização. A ligação com a lâmina faz-se por uma zona irregular mais espessa. A folha da lâmina é curva, grossa, com gume em apenas num dos lados, reforçada na superfície externa com o que parece ser apenas 1 nervura em contínuo perfazendo 2 nervuras rectilíneas em relevo ao longo da lâmina, a outra face é lisa com vestígios das rebarbas de fundição. Verifica-se que o gume apresenta fortes marcas de utilização, e conserva-se de forma irregular com uma ligeira fractura. Parece ter sido alvo de análise metalúrgica, contudo, não existe qualquer registo da mesma no Museu Nacional de Arqueologia.

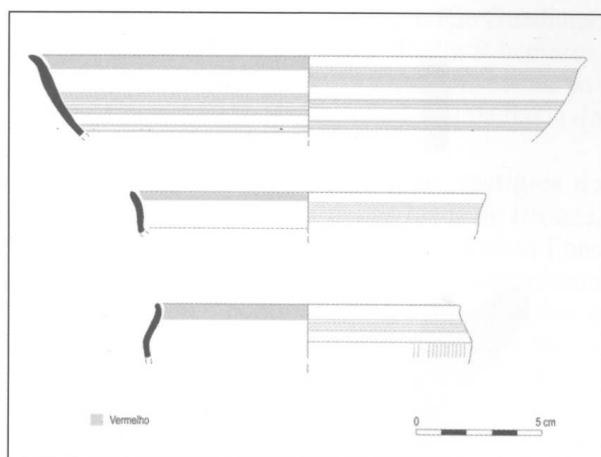


Fig. 6. Cerâmica designada «tipo Carambolo».

Ambos os exemplares são os que contam com menores dimensões no panorama dos que encontrados em Portugal, que variam entre os referidos 9,5 cm e os 16 cm (Schubart 1975; Coffyn 1983; 1985) e foram integradas no Bronze Final Atlântico III por Coffyn (1985: 213) atribuindo-lhes uma cronologia entre a segunda metade do século IX a.C. e os fins do século VIII a.C. (Coffyn 1985: 228).

Estes objectos, considerados ferramentas (Coffyn 1985: 222), ou instrumentos de produção/trabalho (Vilaça 2007), encontram-se registados em 16 sítios (Coffyn 1985; Vilaça 2007), sendo 6 destes locais considerados como depósitos, num total de cerca de 22 exemplares (existem dúvidas em apenas 2 casos).

Esta forma apresentaria uma liga binária (Coffyn 1998: 177), com quase 11% de estanho e seria proveniente de um atelier distinto daquele que produziria as foices «tipo Castropol» centradas no nordeste peninsular. Com uma difusão bastante limitada a sul, ocorrem apenas em Santiago do Cacém e Mértola (atendendo às dúvidas sobre os exemplares com proveniência atribuída a Évora). A concentração de exemplares do «tipo Rocanes» localiza-se entre o Baixo Minho a Norte e a Sul o Baixo Tejo-Sado, sobretudo na Beira Litoral e na Estremadura (Coffyn 1985: 213). É precisamente desta última região que se conhece um molde feito em pedra, achado em Rocanes (Cacém) e deu origem ao nome da tipologia (Fontes 1916) reforçando a ideia de se tratar de um modelo específico da região, apesar de constarem do espólio do Monte-Sa-Idda (Sardenha) no Mediterrâneo Central (Coffyn 1985).

Todos os indícios aqui registados são diminutos face ao panorama do vestígios encontrados no médio Guadiana, nomeadamente quando compa-

rado com os sítios arqueológicos da zona de Beja, Serpa e Moura, ou mesmo da Serra de Huelva. No entanto, a importância de Mértola, dada a presença destes materiais, a sua localização e a dimensão já considerável que a dispersão das cerâmicas nos dá, pode indicar que teria nesta altura uma importância significativa a um nível local e regional.

Num local com boa defensibilidade, parece prescindir da visibilidade envolvente, assumindo uma proeminência sobretudo para quem se aproxima de rio no final de um longo estuário.

A visibilidade de Mértola centra o seu controle numa zona até 2 km (Fig. 8), dirigida sobretudo para o rio (todo o segmento de recta que acompanha o sítio arqueológico), as margens opostas da Ribeira de Oeiras e do Rio Guadiana, toda a área do esporão e o espaço envolvente ao Cerro das Neves e do Benfica, num controle de uma ligação de vias naturais de comunicação Sul-Norte (litoral-interior) e Este-Oeste (zona de travessia do rio) – esta última localizada na extremidade sul, onde se verifica um ligeiro alargamento do vale, a suavização das vertentes, um percurso rectilíneo e espraçado e onde o regime violento e irregular do rio é esbatido pelas águas da Ribeira de Oeiras (Simplicio, Barros e Garcia 1999).

Mértola parece fazer parte de um conjunto de povoados que ao longo do Guadiana, em ambas as margens, mantêm uma relação directa de proximidade com o rio e que abarcam áreas de visibilidade reduzidas, mas direccionadas para determinados troços do curso fluvial (Fig. 10). Fazem parte deste conjunto povoados como Espinhaço, Atalaia da Insuinha, Castelo da Crespa, Azenha da Misericórdia, Cerro do Castelo de São Brás, Castelos, Laço e Pulo do Lobo 1 (Barros *et al.* no prelo). Entre este último e Mértola verifica-se uma zona onde o vale encaixado do rio parece não estar sobre a visibilidade de nenhum dos povoados conhecidos.

Esta situação pode, por um lado, indiciar lacunas no conhecimento do povoamento do Bronze Final ou, por outro, revelar uma área de transição entre as centralidades protagonizada a norte pela concentração de povoados na zona de Serpa e a sul por Mértola. No entanto, deve ter-se em consideração o facto de existirem características naturais desfavoráveis à circulação e ao atravessamento do Guadiana, face ao declive acentuado do vale, à existência do acidente geográfico do Pulo do Lobo e da corredoura, conforme referido (Barros *et al.* no prelo).

Apesar da restante área de visibilidade ser bastante limitada (Fig. 9), excepto para algumas das cumeadas envolventes que se localizam entre os 6

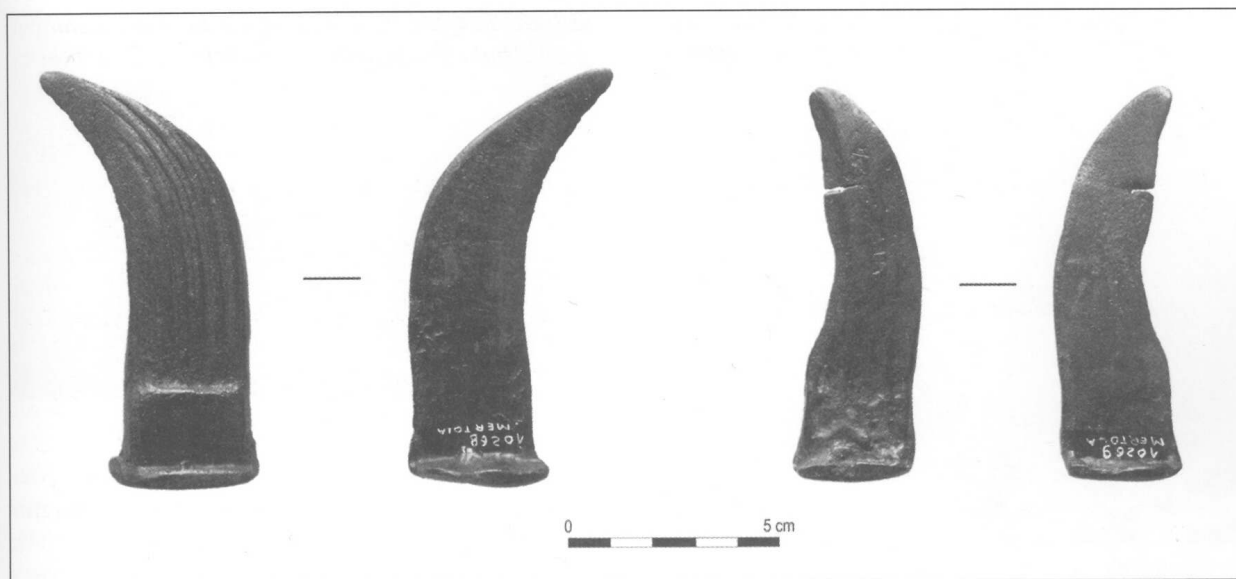


Fig. 7. Foices de talão em bronze de «tipo Rocanes».

e os 12 km, haveria por certo uma lógica estruturada de controlo, coordenação e exploração de uma região ou mesmo de um território e dos seus ricos recursos, sejam geológicos, agrícolas, pecuários, florestais e fluviais.

No que concerne à região envolvente a Mértola (Fig. 10) deve-se ter em consideração que é uma área privilegiada na documentação e inventário dos sítios arqueológicos conhecidos por diversas prospecções aí realizadas (Lopes 1997; 2003; Soares 1994; 2005; Ricardo e Grilo, no prelo; Lopes *et al.* no prelo; Gómez Toscano 1997; 2006; Catarino 1997-1998; Campos *et al.* 2000), sobretudo no Médio e Baixo Guadiana – concelhos de Beja, Serpa, Mértola e Serra de Huelva. A natureza e a fiabilidade dos dados disponíveis são bastante diversas, parecendo mesmo ser pouco homogêneas face às limitações dos trabalhos de prospecção até ao momento realizados, ou por serem efectuados no âmbito de Estudos de Impacte Ambiental, pelas linhas de investigação efectuadas não serem, na maior parte das vezes, direccionadas para este tipo de realidades, porque os vestígios encontram-se camuflados por ocupações posteriores ou mesmo porque se encontram identificados como «indeterminados».

No que concerne às necrópoles, as inúmeras cistas conhecidas com uma cronologia genericamente atribuída à Idade do Bronze, devem ser consideradas indeterminadas até confirmação com base em trabalhos de escavação arqueológica, face às ocorrências em outras áreas geográficas de vestígios atribuíveis a épocas mais antigas ou mais re-

centes que o Bronze Final (Parreira e Barros 2007). Desta forma, e por se considerar que esta prática funerária foi utilizada durante o século XIII-X a.C. (Schubart 1975) e no século VI-V a.C. (Barros *et al.* 2005), certamente este costume, na diacronia entre ambos os séculos, continuava a ser utilizado. Todavia, se tivermos em consideração as concentrações destes monumentos na zona Sul do concelho de Serpa e Pulo do Lobo, nos limites da Serra do Caldeirão, mas sobretudo junto ao Guadiana a sul do Pomarão, poderemos dizer que a ocupação durante este período na região seria por certo mais complexa do que o que actualmente se conhece (Barros *et al.* 2005), reflexo da importância da área durante este período (Cardoso 2004).

Apenas nas necrópoles do Malhanito, com uma inumação reaproveitando um monumento megalítico com espólio composto por um anel, um alfinete em bronze e um conjunto de recipientes cerâmicos com superfícies brunidas (Cardoso 2004), e eventualmente em Neves 4 que pelas «características estruturais», proximidade a Neves 2 (Maia e Maia 1996) e o tipo das duas urnas cerâmicas encontradas², se remete para uma cronologia atribuível ao Bronze Final.

A invisibilidade das necrópoles estende-se aos povoados. Quando permitem a sua caracterização, a maioria é atribuída ao Bronze Final (Soares 1994; 2005, Maia 1996; Catarino 1997-1998; Oliveira e Freitas 2007), infelizmente, nos restantes a maior parte das atribuições cronológicas são genéricas e

² Informação pessoal de Maria Maia.

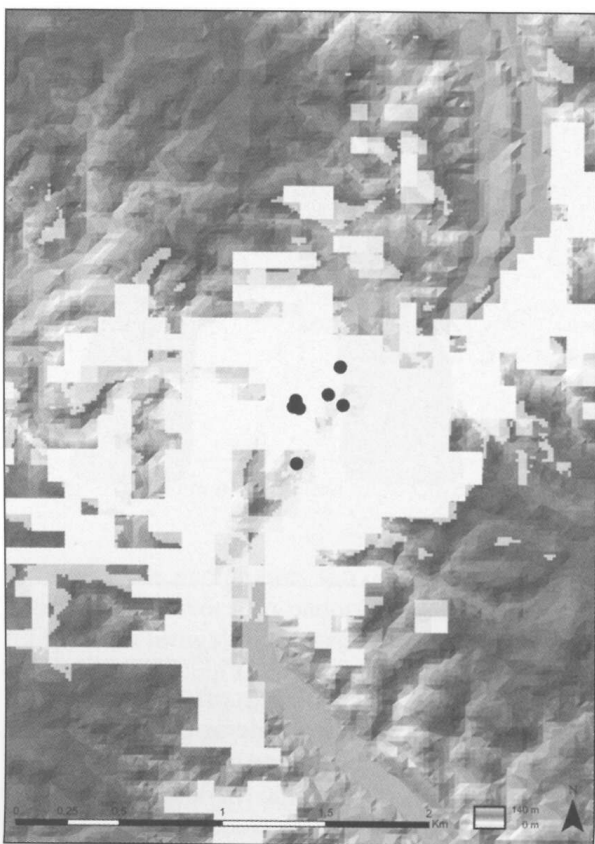


Fig. 8. Visibilidade imediata de Mértola (cumulativa dos locais com vestígios arqueológicos enquadráveis no início do primeiro Milénio a.C.)

foram efectuadas com base em recolhas de superfície não sistemáticas.

Na zona próxima de Mértola, cerca de 20/30 km, ocorrem, a Norte, os sítios do Espinhaço, Pulo do Lobo-1 e Castelo da Crespa, Monte do Mosteiro e Pé do Castelo na Ribeira de Terges, a Este Gaimanitos na ribeira do Chança e a Oeste Neves-2 na Ribeira de Oeiras (Fig. 10).

A Norte, os povoados fortificados do Espinhaço, Pulo do Lobo-1 e Castelo da Crespa (Soares 2005; Barros *et al.* no prelo), sem se destacarem na paisagem, controlam, conforme referido, o rio Guadiana a montante do Pulo do Lobo, enquanto que o Monte do Mosteiro (Ricardo e Grilo no prelo) controla uma pequena passagem na ribeira de Terges.

Pé do Castelo localiza-se no pequeno cabeço (Lopes e Vilaça 1998), e além do espólio cerâmico revelou uma peça em bronze de funcionalidade desconhecida (Fig. 11), com características decorativas de um «mundo oriental pós-micénico» (Lopes e Vilaça 1998: 74), e com paralelos no depósito de Monte Sa-Idda. Foram identificadas algumas cerâmicas atribuíveis ao Bronze Final em Gaimanitos

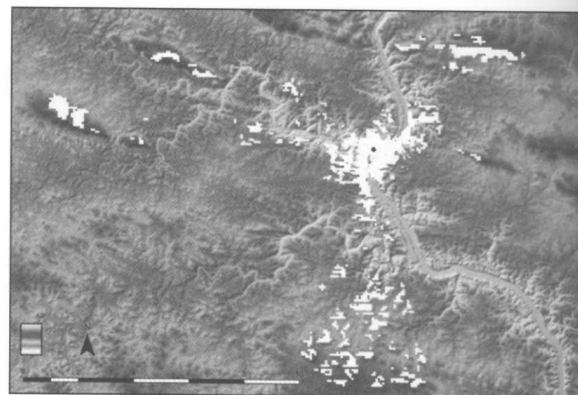


Fig. 9. Visibilidade envolvente de Mértola.

implantado num pequeno cabeço junto da área mineira das Minas de São Domingos (Rego 2004). Estes dois povoados parecem estar associados a uma exploração mineira (eventualmente complementada pela exploração de pequenas áreas agrícolas) e em controlar passagens de ribeiras.

Por último, Neves-2 (Maia 1988; Maia e Maia 1986 e 1996; Barros *et al.* 2008), alvo de escavação, revelou «dois fundos de cabana» de planta ovalada, uma lareira e buracos de poste. Recolheram-se «vasos carenados de decoração brunida nas duas faces» e «dois punhais de bronze» (Fig. 11), (Maia 1988; Maia e Maia 1986; 1996: 84). Só neste último sítio e no Pé do Castelo se registaram objectos de bronze.

O achado de ouro mais perto desta área, mas fora dos limites apresentados, encontram-se a Norte perto da Trindade, um anel (Ribeiro 1960-61) de «tipo Villena-Estremoz» (Lopes e Vilaça 1998).

No que concerne aos sítios que se encontram entre Mértola e o litoral algarvio, como por exemplo no único local visível a partir de Mértola que é o Cerro da Oliveira do Corvo (Mértola), onde são mencionados «vestígios cerâmicos e materiais líticos» atribuíveis ao Bronze (Lopes *et al.* no prelo), na Horta das Cebolas (Alcoutim) identificado como «possível habitat da Idade do Bronze» (Catarino 1997-1998: 156), na vila de Alcoutim (Catarino 1997-1998: 409), entre outros, a mera indicação a materiais proto-históricos ou da Idade do Bronze, não deve, até ao momento, ser indicativa de uma ocupação do Bronze Final pelo que foi nossa opção não os geo-referenciar.

Só no litoral Sul se voltam a registar, de forma regular, povoados com ocupação comprovada do Bronze Final (Fig. 10). Todos contam com condições naturais de defesa, que se destacam na paisagem, localizam-se em áreas de controlo de rotas para o interior e em contacto com o mundo marí-

timo: Tavira (Maia 2004) e Castro Marim (Arruda 1999-2000; Arruda *et al.* 2007).

Apesar da representatividade da amostra ser reduzida para interpretações de presença ou ausência destas ligações sociais e económicas, parece existir em Mértola durante o final da Idade do Bronze um controle de um território, intercâmbios de bens e ideias com ligações ao interior alentejano, à fachada oeste atlântica portuguesa e à zona de Huelva e Guadalquivir.

A singularidade de ser um dos poucos povoados caracterizados, ainda que sumariamente, entre a costa Algarvia e a zona de Beja-Serpa, de se poder atribuir uma lógica de porto em contacto directo com o litoral e aí existir o espólio já referido, permite-nos supor que a alguns caberia a recepção, usufruto e eventual troca daqueles elementos, ou seja, deveria ser um centro de poder que controlaria, por um lado, de forma económica: uma rota natural de circulação de bens, o acesso aos recursos pretendidos provenientes de outros territórios imediatos; e por outro de forma territorial um espaço envolvente: com sítios de produção, recursos mineralógicos (cobre, ouro e prata), agrícolas, fluviais, pecuários e florestais.

A existir esta desigualdade na sociedade indígena que controlaria um território e beneficiava da utilização, intercâmbio e controle dos bens como modo de ostentação, resultaria na alteração progressiva de costumes e na transformação em formas organizadas de poder político. Desta forma, com as devidas reservas, aqui tal como noutros locais centrais, por certo se albergava e defendia, apesar da ausência até ao momento de muralhas atribuíveis a esta época, uma sociedade hierarquizada ou com uma diferenciação social, baseada num controle económico centralizado dos seus próprios recursos onde se deveria armazenar a produção agro-pecuária, a metalurgia do bronze, controlar e organizar a transformação dos produtos, assegurar o funcionamento das redes de intercâmbio com o controlo das rotas e gerir um sistema tributário que garantiria a coesão da sua entidade (Parreira 1995; Parreira e Barros 2007), capaz de garantir uma produção de excedentes, estabilidade, continuidade de intercâmbios, mão-de-obra, campos agrícolas e portos.

Haveria, por certo, uma vontade de assegurar a troca de excedentes por produtos exógenos que teriam um significado e uma importância para servirem de troca, ou de individualização/independência ou mesmo na interacção entre comunidades e regiões (Martins 1997). No entanto, além dos constrangimentos da amostra material, impor-

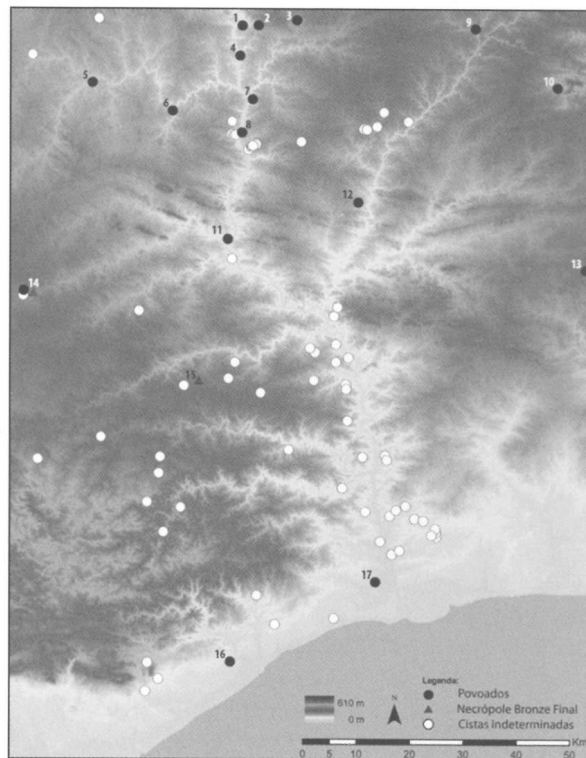


Fig. 10. Ocupação na região de Mértola nos inícios do primeiro Milénio a.C.: 1. Azenha da Misericórdia; 2. S. Brás; 3. Horta de Alpedrede 2; 4. Castelo da Crespa; 5. Pé do Castelo; 6. Monte do Mosteiro; 7. Pulo do Lobo; 8. Espinhaço; 9. Passo Alto; 10. Riscos del Castillo; 11. Mértola; 12. Gaimanitos; 13. Tharsis; 14. Neves 2 e 4; 15. Tholos do Malhanito; 16. Tavira; 17. Castro Marim.

ta questionar até que ponto o grau de conhecimento das realidades do final da Idade do Bronze (necrópoles, hierarquização e urbanismo dos povoados) nos permite determinar esta complexidade social (Carrilero 1993: 166).

A dimensão de Mértola permitiria esta organização, por certo idêntica à de Niebla, onde além de uma zona amuralhada haveria uma ocupação exterior dispersa onde se localizariam as restantes actividades (Campos *et al.* 2006), consideradas como factores de riqueza e prestígio do sítio (Parreira 1997: 269).

Apesar da ausência de vestígios da produção de prata e de uma precoce mineração do ferro, o início da ocupação de Mértola parece também estar associado ao incremento e extensão deste tipo de transformação, que segundo Pérez Macias (1996) parece monopolizar o comércio a partir do século IX a.C., sobretudo promovido por influências exógenas com o recurso a novas tecnologias de exploração.

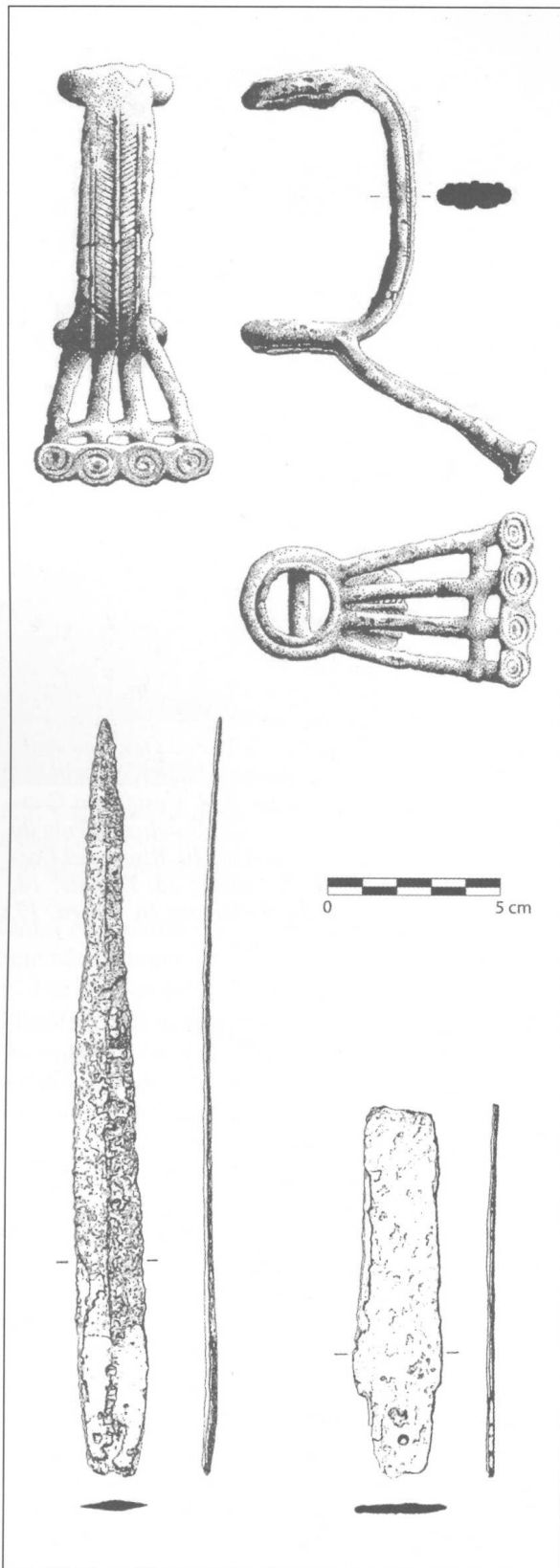


Fig. 11. Peça do Pé do Castelo (s. Lopes e Vilaça 1998) e punhais de Neves 2 (s. Maia e Maia 1986).

No conjunto, quer os materiais cerâmicos, quer os metálicos, apontam para os derradeiros momentos de finais da Idade do Bronze. A longa diacronia dos materiais enunciados, atestada pela sua presença em contextos mais recentes revela que estes (exceptuando talvez as foices de talão em bronze de tipo Rocanes - Fig. 7) também existem em momentos onde as cerâmicas a torno já nos demonstram características orientalizantes.

A aquisição de produtos exógenos orientalizantes indicia o gradual assimilar de outros hábitos sociais e alimentares estranhos até então à região. Não parece haver uma ruptura ou quebra dos circuitos comerciais entre Mértola e as zonas mais litorais, sobretudo a partir da segunda metade do século VII a.C., vincando-se agora a sua relação com o mundo mediterrânico, como comprovam os contentores anfóricos tipo 10.1.2.1. (Ramón 1995), as cerâmicas de engobe vermelho, maioritariamente representadas por tigelas e pratos, os denominados jarros de «boca de seta», um dos contentores cerâmicos tipo «Cruz del Negro» com características formais e decorativas que indiciam momentos antigos (Barros, no prelo a, b), (Fig. 12).

Estão criadas as bases para Mértola receber um estímulo exógeno, incorporada nos sistemas económicos e integrada ideológica e socialmente nas sociedades do Bronze Final, para explorar o seu potencial de plataforma de trocas e controle de um território, aliando uma transformação social e uma nova dinâmica cultural associada ao mundo mediterrânico clássico.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a Isabel Ricardo e a Carolina Grilo pela cedência dos dados ainda inéditos de alguns sítios arqueológicos do concelho de Beja que permitiram a realização deste presente trabalho de forma mais completa. Agradecimentos extensíveis às Instituições que têm à sua responsabilidade os materiais agora estudados: Museu Nacional de Arqueologia e Campo Arqueológico de Mértola; e pelos esclarecimentos, contributos e críticas a Rui Mataloto, António Monge Soares, Manuela de Deus, Ana Sofia Antunes, Samuel Melro, Ana Cristina Ramos, Sofia Gomes, Virgílio Lopes, Rui Parreira e Iola Filipe. Por último uma nota de agradecimento ao convite feito pela organização na pessoa de Javier Jiménez Ávila e ao Instituto de Mérida. Saliente-se porém que todos estão isentos de responsabilidades nos erros ou omissões deste trabalho escrito em 29 de Maio de 2008.

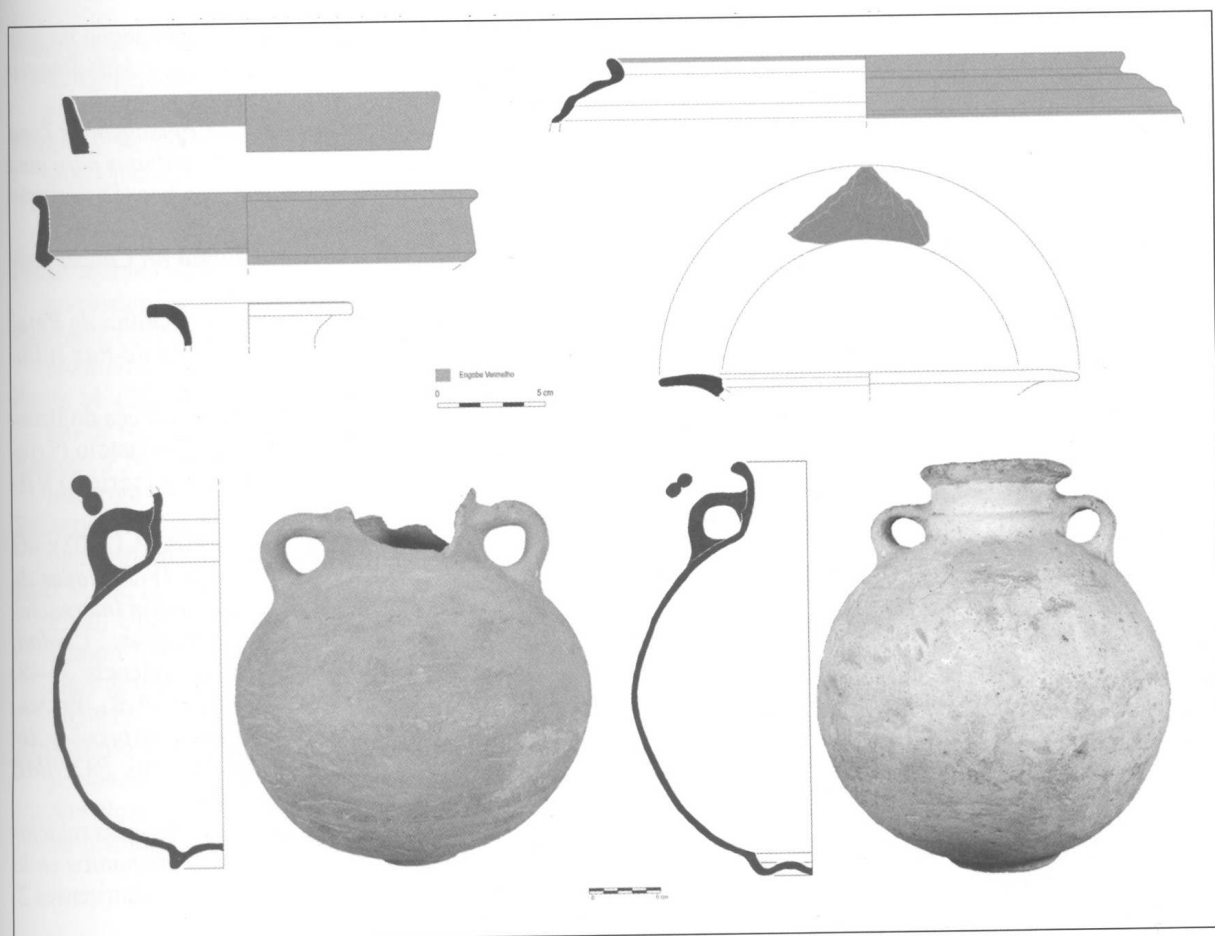


Fig. 12. Cerâmicas de engobe vermelho e contentores cerâmicos tipo «Cruz del Negro» de Mértola.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1996): *De Ulisses a Viriato: o primeiro milénio a.C.* Lisboa.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977): *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Bibliotheca Praehistórica Hispana XIV. Madrid.
- ANTUNES, A.S. e DEUS, M. (2007): *Relatório da escavação da Salsa 3*. (Relatório policopiado).
- ARRUDA, A.M. (1999-2000): *Los Fenicios en Portugal: Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5-6. Barcelona.
- ARRUDA, A. M., FREITAS, V. e OLIVEIRA, C. (2007): «Os fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim». In J.L. López Castro (ed.): *Las ciudades fenicio-púnicas en el Mediterráneo Occidental*. Almería: 459-482.
- AUBET, M.E. (1982): «Un vaso a mano con decoración pintada de los Alcores de Carmona». *Trabajos de Prehistoria* 39: 385-388.
- BARROS, P. (2008): «Mértola nos meados do primeiro milénio a.C.» In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I: El río Guadiana en época post-orientalizante*. *Anejos de Archivo Español de Arqueología* XLVI. Mérida: 399-414.
- BARROS, P. (no prelo a): «Mértola, plataforma comercial durante a idade do ferro. A coleção de Estácio da Veiga». *VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa 2005.
- BARROS, P. (no prelo b): «Mértola no início do 1 Milénio a.C.» *Tarsis-Tartessos: Mito, Historia, Arqueologia*. *V colóquio del CEFYP*. Madrid 2007.
- BARROS, P., BRANCO, G. e DUARTE, C. (2005): «A cista dos Gregórios (Silves)». *Actas do II Encontro de Arqueologia do Algarve*. *Xelb* 5. Silves: 41-52.
- BARROS, P., DEUS, M., CALDEIRA, N., COSTA, A., GOMES, A.S. e ALDANA, P. (no prelo): «A aplicação dos SIG no conhecimento do povoamento Calcolítico e do Bronze no médio Guadiana». *V Simposio Internacional de Ar-*

- queología de Mérida: Sistemas de Información Geográfica y Análisis Arqueológico del Territorio*. Mérida 2007.
- BARROS, P., MELRO, S. e RAMOS, A.C. (2008): «Uma leitura dos resultados do EIA do Aproveitamento Hidráulico da Ribeira de Oeiras». *III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Vipasca* (2ª série) 2. Aljustrel: 720-724.
- BUERO, M.S. (1984): «Los motivos naturalistas en la cerámica pintada del bronce final del suroeste peninsular». *Habis* 15: 345-364.
- BUERO, M.S. (1987): «El Bronce Final y las cerámicas “tipo Carambolo”». *Revista de Arqueología* 70: 35-47.
- CABRERA, P. (1981): «La cerámica pintada de Huelva». *Huelva Arqueológica* V: 317-335.
- CAMPOS, J. e GÓMEZ TOSCANO, F. (2000): *La Tierra Llana de Huelva: Arqueología y evolución del paisaje*. Sevilla.
- CAMPOS, J., GÓMEZ TOSCANO, F. e PÉREZ MACÍAS, J.A. (2006): *Ilipla – Niebla: Evolución urbana y ocupación del territorio*. Huelva.
- CARDOSO, J.L. (2004): «Uma tumulação do final do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro no sul de Portugal: a tholos do Cerro do Malhanito (Alcoutim)». In M.C. Lopes e R. Vilaça (ed.): *O Passado em cena: narrativas e fragmentos*. Coimbra: 193-223.
- CATARINO, H. (1997-1998): *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica*. Al-ulyã 6. Loulé.
- COFFYN, A. (1983): «La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal». *O Arqueólogo Português* (série IV) 1: 169-196.
- COFFYN, A. (1985): *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris.
- COFFYN, A. (1998): «Une entité contestée: le Bronze Atlantique». In S.O. Jorge (ed.): *Existe uma Idade do Bronze Atlântico? Trabalhos de Arqueologia* 10. Lisboa: 166-178.
- FEIO, M. (1946): «Os terraços do Guadiana a Juzante de Ardila». *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* XXVII: 3-83.
- FEIO, M. (1983): *Le Bas Alentejo et l'Algarve*. Évora.
- FONTES, J. (1916): «Sur une moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes». *O Archeólogo Português* (série I) 21: 337-342.
- GÓMEZ TOSCANO, F. (1997): *Catálogo de Bienes de Interés del Entorno Fronterizo del Bajo Guadiana: Ayamonte, Villablanca, San Silvestre de Guzmán, Sanlúcar de Guadiana, El Granado*. Huelva.
- GÓMEZ TOSCANO, F. (2006): «El Final de la Edad del Bronce entre el Guadiana y el Guadalquivir. Síntesis Histórico-Arqueológica según las más recientes evidencias». *Madrid Mitteilungen* 47: 24-43.
- LECOQ, N. (2002): *Unidades de Paisagem da Zona Castro Verde – Mértola: Contributos para uma gestão ambiental eficiente*. Lisboa (Dissertação de mestrado inédita).
- LOPES, M.C. (1997): *Arqueologia no Concelho de Serpa*. Serpa.
- LOPES, M.C. (2003): *A cidade romana de Beja: percursos e debates em torno de Pax Iulia*. Coimbra.
- LOPES, M.C. e VILAÇA, R. (1998): «Peça do Bronze Final proveniente do Pé do Castelo (Trindade, Beja)». *Arquivo de Beja* (série 3) VII-VIII: 63-84.
- LOPES, V., SIMPLÍCIO, C. e BARROS, P. (2003): «O Porto de Myrtilis». *Actas das IV Jornadas de Arqueologia Subacuática: Reunión Internacional «Puertos fluviales antiguos: Ciudad, desarrollo e infraestructuras»*. Valencia: 35-48.
- LOPES, V., MARTÍNEZ, S., SANTOS, A.R., PALMA, M.F. e MACÍAS, S. (no prelo): *Prospecções Arqueológicas no âmbito do Projecto: PATNIME Património de Niebla e Mértola*.
- MAC-WHITE, E. (1951): *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce*. Dissertationes Matritenses 2. Madrid.
- MAIA, M. (1988): «Neves II e a facies cultural de Neves-Corvo». *Arquivo de Beja* (série 2) 3: 23-42.
- MAIA, M. (2004): *«Fenícios em Tavira»*. Tavira, Território e Poder (Catálogo da exposição). Lisboa: 57-72.
- MAIA, M. e MAIA, M. (1986): *Arqueologia da área mineira de Neves-Corvo: Trabalhos realizados no triénio 1982-84*. Lisboa.
- MAIA, M. e MAIA, M. (1996): «Arqueologia do Couto Mineiro Neves Corvo». *Mineração do Baixo Alentejo*. Castro Verde: 82-93.
- OLIVEIRA, C.P. (2008): «Produção e consumo de cerâmica manual no Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a. n. e.» In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante*. Anejos de AEspA XLVI. Mérida: 447-467.
- OLIVEIRA, C.P. e FREITAS, V.T. (2007): «A Idade do Ferro no Baixo Guadiana». *IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: 409-418.
- OLIVEIRA, T. e OLIVEIRA, V. (1996): «Síntese da Geologia da faixa piritosa em Portugal e das principais minerações associadas». *Mineração do Baixo Alentejo*. Castro Verde: 8-27.

- PARREIRA, R. (1995): «Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo interior». *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*. Lisboa: 131-134.
- PARREIRA, R. e BARROS, P. (2007): «As necrópoles proto-históricas do Algarve». *Actas do IV Encontro de Arqueologia do Algarve: Percursos de Estácio da Veiga*. Xelb 7. Silves: 89-102.
- PÉREZ MACÍAS, J.A. (1996): *Metalurgia extractiva preromana en Huelva*. Huelva.
- RAMÓN, J. (1995): *Las Anforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central e Oriental*. Barcelona.
- REGO, M. (2004): *Mina de São Domingos*. CADERNOS de Mértola 2. Mértola.
- RIBEIRO, F.N. (1960-61): «Um Anel Antigo». *Conímbriga* II-III: 243-246.
- RICARDO, I. e GRILO, C. (no prelo): *Carta Arqueológica de Beja*. (Policopiado).
- RUIZ MATA, D. (1995): «Las cerámicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio tartésico». *Tartessos 25 años después 1968-1993*. Jerez de la Frontera: 265-313.
- RUIZ MATA, D. e FERNANDÉZ JURADO, J. (1986): *El yacimiento metalúrgico de época Tartésica de San Bartolomé de Almonte (Huelva)*. Huelva Arqueológica VIII. Huelva.
- SCHUBART, H. (1975): *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel, Madrider Forschungen* 9. Berlin.
- SILVA, A.C. e BERROCAL, L. (2005): «O Castro dos Ratinhos (Moura). Povoado do Bronze final do Guadiana: 1ª campanha de escavações 2004». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8 (2): 139-173.
- SIMPLÍCIO, M.C., BARROS, P. e GARCIA, C. (1999): «Prospecções Arqueológicas no Rio de Guadiana - Porto de Mértola». *Almadan* (série 2) 8: 54-62.
- SOARES, A.M. (1994): «O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa». *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, vol 2. Lisboa: 179-197.
- SOARES, A.M. (2005): «Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos». *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (1): 111-145.
- VASCONCELLOS, J.L. (1915): *Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914)*. Lisboa.
- VILAÇA, R. (2007): «Depósitos de bronze do território português: um debate em aberto». *Conímbriga Anexos* 5. Lisboa.